

A MAMÃE FOI TRABALHAR ONDE? PERSPECTIVAS DA RELAÇÃO DE TRABALHO E MATERNAGEM NEGRA EM A MÃE QUE VOAVA

Carla Alexandra Souza Silva dos Santos

(Universidade Federal do Recôncavo da Bahia)

Lila Santos

(Universidade Federal do Recôncavo da Bahia)

RESUMO	ABSTRACT
<p>A partir do reconhecimento de que as maternagens de pessoas negras estiveram, historicamente, ancoradas em escritas colonialistas e brancocêntricas, dentro do contexto da literatura brasileira, não podemos deixar de considerar os impactos dessas perspectivas nas construções de nossas subjetividades. Seja por meio da estigmatização ou por meio da anulação de experiências, existe uma falha proposital nessas produções que insiste em cristalizar a negritude em lugares de impossibilidades de construção, sobretudo, de redes de afetos, dentro do trato parental. Contudo, movimentos literários de desestabilizações, fissuras e rompimentos com essas imagéticas, estão sendo feitos, como é o caso da obra <i>A Mãe que Voava</i>, que conta a história da garotinha Alice que assiste sua mãe trabalhar dentro e fora de casa contando com um fator crucial: o de retorno. A experiência do trabalho para mulheres negras fora de suas casas, apoia-se de maneira muito específica, na impossibilidade de um retorno e por consequência com o distanciamento da própria família. O livro nos oferece outras possibilidades que se pautam nos afetos, na presença e na existência de uma maternagem preta que subverte e transgride uma hegemonia da branquitude e atualiza nossas percepções sobre parentalidades negras apontando para a complexidade de nossas experiências.</p>	<p>Given the recognition that black women's mothering has been historically anchored in colonialist and white-centric writings within the context of Brazilian literature, we cannot overlook the impacts of these perspectives on the constructions of our subjectivities. Whether through stigmatization or the erasure of experiences, there exists a deliberate flaw in these productions that insists on crystallizing blackness in places of impossibility of construction, especially of networks of affection within parental care. However, literary movements of destabilization, fissures, and ruptures with these imaginaries are underway, as is the case with the work <i>A Mãe que Voava</i> (The Mother Who Flew), which tells the story of the little girl Alice who watches her mother work inside and outside the home, counting on a crucial factor: that of return. The experience of work for black women outside their homes is based, in a very specific way, on the impossibility of a return and, consequently, on the distancing from their own families. The book offers us other possibilities that are based on affections, presence, and the existence of black mothering that subverts and transgresses a hegemony of whiteness and updates our perceptions of black parenthood, pointing to the complexity of our experiences.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Maternagem; Trabalho; Interseccionalidade	Mothering; Work; Intersectionality

INTRODUÇÃO

Antes de iniciarmos essa troca, se faz importante, para nós, aludirmos que essa escrita não se restringe às infâncias nos moldes ocidentalizados. Escolhemos uma obra afro-infantil por compreendermos sua potência de rearticulação curativa, buscando transpassar construções etárias ocidentais que enquadram a cronologia linear como sendo suficiente nos diálogos de nossas experiências. Com isso queremos dizer que uma obra

como esta é capaz de abraçar experiências de infâncias, sejam elas ativas ou adormecidas. E talvez daí, decorram, as potências no que tange seu engajamento a partir da importância de rompermos com imagéticos pejorativos de famílias negras, na literatura.

Outra observação que nos parece ser pertinente, se refere ao dispositivo de gênero textual. Somos duas autoras que possuímos experiências distintas e que enxergam nessa produção uma possibilidade de confluências de perspectivas. Não há, portanto, como enquadrá-la enquanto relato de experiência, apenas, apesar de também partir da vivência de uma de nós no que tange a leitura do livro, dentro do contexto da construção de maternagem. Nesse sentido, como forma de tornar a leitura mais fluida e entendível, optamos por colocar em nota de rodapé¹, a experiência do primeiro contato dentro do contexto de encontro com a obra. Também não há como pensarmos numa resenha bibliográfica, apenas, uma vez que adicionamos elementos acadêmicos que ultrapassam a descrição crítica da obra. Contamos, portanto, com um texto que mescla possibilidades a partir do fuxico acadêmico de duas comadres pesquisadoras que se propuseram a mergulhar em uma obra adensada e robustecida. No mais, pensemos da seguinte forma: Esta produção é um convite à reivindicação do amor enquanto possibilidade entre pessoas negras que voam.

É indispensável a compreensão para essa produção de que pessoas negras que maternam, encontram especificidades que outras narrativas e perspectivas generalizadas sobre Maternidades², podem não dar conta. Esse apontamento é basilar para nós, porque partiremos da noção de que essas especificidades, quando não levadas em consideração, culminam em apagamentos e estigmatizações de existências. Afinal, o olhar que universaliza experiências, nos mostrou historicamente que uma hegemonia seria privilegiada pelos olhares das mais diversas ordens e que os atravessamentos das

1 A mãe que voava foi um dos primeiros livros que dei à minha filha. Ponto fora da curva, em tempos de quarentena, pude, enquanto mulher negra e professora da rede pública, ficar em isolamento estando assegurada financeiramente por isso. É importante demarcarmos esse lugar de quem escreve para que possamos reivindicar o lugar de pluralidades de experiências no que tange o materno engendrado dentro de uma perspectiva racializada. Pensamos isso, partindo da compreensão que boa parte das pessoas negras que maternam, estiveram em situação de vulnerabilidade social e econômica, e é possível a partir desse marcador, pensarmos em impossibilidades no que se refere à partilha cotidiana com suas crias. E foi no contexto de flexibilização das medidas de isolamento do COVID-19, o qual era chegada a hora do retorno ao trabalho, que a obra contemplou e atravessou minha experiência de mãe que voa alto e pode retornar para sua filha.

2 A utilização da definição Maternidade nesse contexto é proposital, por compreender que historicamente essa categoria esteve associada à expectativas sociais respaldadas em bases biológicas (BATINDER, 1980). Contudo, seguiremos em nosso ensaio, com a perspectiva de Maternagem por compreender que ela resguarda elementos do cuidado com o outro que transpassa ideias de biologização e melhor se aproxima das experiências entre pessoas negras. Afinal, a Maternagem, nesse contexto, se torna uma prática de resistência e sobrevivência, exigindo habilidades e estratégias de cuidado que vão além do esperado socialmente.

dimensões de gênero, classe, raça, sexualidade quando estão em relação. Segundo Sueli Carneiro (2001),

Interpretar as particularidades que envolvem a performance da maternidade de mulheres negras exige levar em conta a forma como essa vivência está atada à construção das mulheres negras enquanto sujeitos identitários e políticos, visto que elas “tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido” (Carneiro, 2001, p. 1).

Na mesma medida de importância, considerar como são feitas as representações de pessoas negras, na literatura brasileira, se torna fundamental para essa escrita, por compreendermos que, historicamente, nossas corporeidades foram escritas e contadas a partir de uma narrativa estigmatizada que nos reforçou em lugares de subjugação. A esse respeito, no que se refere às mulheres negras que são mães, como bem nos diz Conceição Evaristo (2005):

A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral. Personagens negras como Rita Baiana, Gabriela, e outras não são construídas como mulheres que geram descendência. Observando que o imaginário sobre a mulher na cultura ocidental constrói-se na dialética do bem e do mal, do anjo e demônio, cujas figuras símbolos são Eva e Maria, e que o corpo da mulher se salva pela maternidade, a ausência de tal representação para a mulher negra acaba por fixar a mulher negra no lugar de um mal não redimido (Evaristo, 2005, p. 2).

Feita as considerações iniciais, daremos continuidade à discussão tendo como ponto de partida que a interseccionalidade constitui ponto chave nas análises das experiências das maternagens negras, na sociedade brasileira. Para isso, contaremos com as reflexões trazidas por Lélia Gonzalez, que dentre tantas contribuições, pensou a formação das corporeidades de mulheres negras amefricanas, compreendendo o trabalho enquanto atravessamento imprescindível de análise.

1

Pensadas sob o prisma da infecundidade, desumanização e da piedade, por cuidar dos filhos dos senhores e patrões muito melhor do que dos seus próprios, Evaristo (2005, p.3) complementa com a sugestão de que essas práticas literárias estariam, assim como a história, produzindo um apagamento ou destacando determinados aspectos em detrimentos de outros, e assim ocultando os sentidos de uma matriz africana na sociedade brasileira. Portanto, a construção transgressora de um outro ponto de vista que

se pauta na complexidade de nossas experiências, é potente justamente por apontar outros caminhos de trilha, que desestabilizam e posicionam o amor, o cuidado e a partilha enquanto possibilidade para nós.

Sendo assim, escrita por Caroline Carvalho e ilustrada por Inês da Fonseca, que o fato da obra possuir 29 páginas, não a impede de fazer emergir, através de sua densidade, uma robustecida discussão categórica, fazendo com que um gênero textual como esse não alcance sua complexidade por limitações óbvias. A estruturação estética das ilustrações e a maneira como a escrita se desenrola em caráter minuciosamente descritiva com notas de poética, por exemplo, dão um tom a mais no cuidado que Caroline e Inês tiveram, com o objetivo, talvez, de fugir da estigmatização histórica de pessoas negras contribuindo para a manutenção do racismo em narrativas literárias e atrair seus leitores com os jogos de cores e movimentos.

Por isso, faremos um esforço de dar enfoque ao acionamento da maternagem negra articulada pela experiência de trabalho fora de casa a partir das reflexões de Lélia Gonzalez. De maneira generalizada, podemos dizer que se trata da história de uma família negra composta por mãe, pai e filha, da qual retrata as dinâmicas de trabalho doméstico dessa figura materna que é percebida pela sua criança. Como cena comum nas vidas de mulheres negras, as múltiplas jornadas de trabalho vão se tramando na medida em que além dos cuidados na manutenção da casa, ela também precisa sair para trabalhar. Nesse contexto surge a figura paterna como sendo a pessoa que cuidará da filha, Alice, acolhendo sua saudade e respondendo à pergunta que intitula esse texto “a mamãe foi trabalhar onde?” (Carvalho, 2018, p.17) com “Ela vai ensinar seus alunos a ler e escrever palavras bonitas” (Carvalho, 2018, p.19) dando largada a um dia de diversão e amor.

Aqui, achamos importante acionar o único apontamento questionável a respeito da obra: seria interessante que a figura paterna, apesar de não ocupar a centralidade da história, tivesse um rosto. Nos momentos em que aparece, seu rosto não é mostrado, ainda que ele participe ativamente das ações ou que haja uma descrição, “com seus enormes e fortes braços, o papai segurou-a bem alto, pertinho das estrelas, onde Alice conseguia sentir a brisa do vento” (Carvalho, 2018, p.18). A partir da implicância de como as paternidades negras, por vezes serem alavancadas em ausências, um corpo que existe em possibilidade de afetos, poderia ser melhor visibilizado. Isso por compreender que, embora a obra seja sobre uma mãe, a visibilidade do pai não impactaria num possível ofuscamento dessa protagonista. Pelo contrário, a possibilidade de uma mãe negra compor uma paisagem que atualiza subversivamente a estatística de maternidade solo.

Segundo a pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o número de mães solo no Brasil aumentou na última década.

Entre 2012 e 2022, foram mais 1,7 milhão de mulheres nessas condições, sendo 90% mães negras. Isso significa dizer que grande número de mulheres negras brasileiras cria seus filhos sozinhas, sem um pai ou estrutura familiar de suporte.

Dessa maneira, seja atravessada por reflexões a respeito do amor atrelado à masculinidade negra desse pai que existe e cuida, ou nas dinâmicas de uma criança negra que brinca e recebe afeto enquanto aguarda o retorno de sua mãe do trabalho, não podemos deixar de considerar a potência de uma articulação em cima dessa figura que exerce sua maternagem fora do que se impõe socialmente à população negra: a mãe que trabalha fora e tem a possibilidade de retornar para zelar de sua própria filha.

Para a intelectual Lélia Gonzalez (2020), a situação das mulheres negras é resultado de processos históricos e contemporâneos de opressões interseccionais. Importante pensarmos que as figuras das pessoas negras responsáveis pelo materno eram, por vezes, destituídas das possibilidades dos cuidados integrais com os seus em detrimento dos filhos dos outros. Ao colocar em relação com um passado escravocrata, por exemplo, temos o fato de que:

A situação da mulher negra hoje não é muito diferente de seu passado de escravidão. Enquanto negra e mulher, é objeto de dois tipos de desigualdades que fazem dela o setor mais inferiorizado da sociedade brasileira. Enquanto trabalhadora, continua a desempenhar as funções modernizadas da escrava do eito, da mesma mucama da escrava de ganho. Enquanto mãe e companheira, continua aí, sozinha, a batalhar o sustento dos filhos enquanto o companheiro, objeto da violência policial, está morto ou na prisão, ou então desempregado e vítima do alcoolismo (Gonzalez, 1981, p. 114).

Considerar esses atravessamentos e reflexos coloniais, nos permite entender como se dá a própria construção que reforça e assenta lugares de marginalização dessas corpos. A presença das mães pretas, seja nas literaturas acadêmicas ou nos romances, ao serem atravessadas por essas experiências colonialistas, ocupou o lugar de docilização e passividade que conferia a essas corpos o papel de inutilidades com suas famílias ao mesmo tempo que reforçava a potência dos seu exercício de cuidado com as famílias dos senhores. Uma das viradas de chave trazidas no livro se trata dessa dimensão do trabalho: a mãe de Alice é professora. Ela não é uma doméstica. Isso é vigorosamente capaz de desestabilizar no imagético das pessoas as possibilidades de outras ocupações profissionais de mulheres negras através das representações, na literatura..

2

A pesquisadora Eliane Santana Dias Debus trouxe, em 2008, reflexões de um mapeamento feito a respeito da literatura infantil tendo como ponto de vista as relações étnico-raciais. Segundo a intelectual, a visão etnocêntrica implicou num repertório de

textos literários que calou a voz dos negros, seja através da exclusão desses corpos no protagonismo, seja pela construção e manutenção de uma narrativa hegemônica que estigmatizava existências.

A literatura brasileira ocupa, portanto, lugar de destaque quando o assunto é evidenciar, atenuar e retratar contextos sociais. E é através dessa aproximação com a realidade, que o universo da literatura possibilita reinvenções e articulações imagéticas nos campos da matéria e da psique de pessoas negras. Em se tratando de um contexto que visibiliza a negritude, ela precisa ser levada em consideração de maneira cautelosa. Segundo Pestana (2019),

A literatura pode, através de seu caráter lúdico, simbólico e reflexivo, ser uma forte aliada no combate aos preconceitos enraizados em nossa sociedade e uma arma contra o racismo que ainda fere e segrega nossas crianças negras. Este papel transformador da literatura pode ser notado, inicialmente, pela inclusão de personagens negros como protagonistas, o que antes não acontecia. Primeiramente, os personagens negros passaram da invisibilidade total para a figuração, nunca tendo seus assuntos e seus sentimentos revelados e sem ter o direito da enunciação (Pestana, 2019, p. 1).

Pensando a partir de produções canônicas da nossa literatura, em seu livro *OMINÍBÚ: maternidade negra em um defeito de cor*, a pesquisadora Silva (2018), ao elaborar sobre a construção dessas mães no contexto da literatura, alude que essas narrativas ratificam a que o corpo da mulher negra, quando mãe, é associado a corpo-força-de-trabalho, na medida em que a capacidade geradora da mulher negra é afirmada, mas negada simultaneamente no gesto de interdição da relação dela com seus próprios filhos. Uma narrativa que visibiliza outra estruturação parental, reflete o interesse por parte da escritora em remodelar essas construções históricas.

3 PALAVRAS FINAIS

Importa para nós um desfecho que considere que compreendemos que a presença de personagens negros, na literatura, não necessariamente implicará num rompimento com cristalizações de excludências. Portanto, não temos o objetivo de generalizar experiências no bojo dessas narrativas. Contudo, colocamos em evidência o fato de que movimentos importantes estão sendo feitos que apresentam possibilidades outras dessas representações, sobretudo quando pensamos em maternagens negras.

Rompendo e redefinindo rotas no que tange às maternagens negras, a figura da mãe da pequena Alice, desestabiliza cristalizações que reforçam no imaginário social que

as mães negras são ausentes, impacientes e desprovidas de amor pelas suas crias. Algo que marca o livro de maneira geral é a maneira como o “toque” é evidenciado. Dentre as passagens, a do retorno da mãe à casa que quando encontra sua filha e repousa suas mãos na cabeça da pequena enquanto diz “Agora eu sou toda sua” nos faz refletir sobre uma dimensão também estigmatizada de que pessoas negras não trocam afetos através do toque. Ora, mulheres negras se tocam há séculos. E isso precede a colonização. O ato de trançar os cabelos de filhas, netas e sobrinhas é ato de resistência de mulheres negras.

A potência, então, está no (re)encontro? A potência, de fato, está no toque? Não sabemos precisar uma única potência. Talvez, duas corpos negras, no contexto da maternagem, enunciado afetos nos ofereçam pistas e respondam da melhor maneira. De todo modo, uma das potências, sem dúvida, perpassa pela possibilidade do diálogo que encerra a trama:

- Mãe...” sussurrou Alice
- Pode falar, eu estou aqui. Respondeu a mãe
Agora você é toda minha!

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **LOLA Press**, nº 16, novembro, 2001.

CARVALHO, Caroline. **A mãe que voava**. Ilustrações de Inês da Fonseca. 1ª edição. Belo Horizonte. Editora Aletria. 2018.

DEBUS, E. S. D. A literatura infantil contemporânea e a temática étnico-racial: mapeando a produção. *In*: 16 COLE, 2008, Campinas. **Anais do 16 COLE - No mundo há muitas armadilhas**. Campinas, 2008.

EVARISTO, Conceição. 2005. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In*: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Editora da UFPB; Idéia.

GONZALEZ, Lélia. 2020. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar. 375 pp

PESTANA, C. V. A. A Literatura afro-infantil: Representação e Representatividade. *In*: I Encontro Nacional de Literatura Infantil e Juvenil: teorias e práticas leitoras da UERJ, 2020, Rio de Janeiro. **Anais do I Encontro Nacional de Literatura Infantil e Juvenil: teorias**

e práticas leitoras. RIO DE JANEIRO: DIALOGARTS, 2020. v. 1. p. 440-463.

SILVA, Fabiana Carneiro da. **Ominíbú**: maternidade negra em um *Defeito de cor*. Salvador: Edufba, 2019.

INVENTÁRIO

Título em inglês:

WHERE DID MOMMY GO TO WORK?
PERSPECTIVES ON THE RELATIONSHIP BETWEEN WORK AND
BLACK MOTHERING IN THE MOTHER WHO FLEW